

## Considerações sobre a natureza colocacional e locucional de sintagmas terminológicos<sup>1</sup>

### Considerations concerning the nature of the complex terms: collocations or idioms

Pereira de Abreu • Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil • spciclone@gmail.com

#### Resumo

Este artigo objetiva apresentar algumas reflexões acerca da natureza de sintagmas terminológicos, como, p. ex., *célula adiposa* (Histologia), *célula auxiliar* (Botânica), *célula mastoide* (Anatomia geral), entre outros. Nossas reflexões situam-se no âmbito da Teoria Sentido-Texto e inserem-se na seguinte discussão: sintagmas terminológicos são *locuções* ou *colocações*? Aceitar que sintagmas terminológicos são *locuções* é atribuir-lhes o *status* de unidade lexical, os quais, como tal, poderão figurar em um artigo de dicionário. Contudo, se aceitarmos que sintagmas terminológicos são *colocações*, assumimos que são apenas sequências resultantes da combinatória restrita da lexia que é a base da colocação, ou seja, consentimos que não são unidades lexicais. Este trabalho não traz informação nova acerca dos padrões colocacionais que sintagmas terminológicos podem encerrar, já amplamente descritos (Pavel, 1993; L'Homme, 2004, entre otros). Antes, volta-se para o fato de que, entre sintagmas terminológicos que se comportam como colocações e aqueles que se comportam como locuções, há uma linha divisória muito frágil, que por vezes é difícil delimitar. Procura-se aqui, através da análise de um pequeno conjunto de dados, corroborar o ponto de vista de Polguère (2015), para quem certos tipos de sintagmas plenos podem ser interpretados como *locuções fracas*. Este trabalho foi subsidiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-Brasil).

#### Palavras-chave

Sintagma terminológico • locução • colocação • locução fraca

#### Abstract

In this paper we aim to present some comments on the nature of complex terms, such as fat cells (histology), auxiliary cell (botany), mastoid cells (general anatomy), among others. Our reflections are within the Meaning-Text Theory (MTT) and they are inserted in the following discussion: Should we classify complex terms as idioms (noncompositional phrases) or as collocations (compositional phrases)? If we accept complex terms as idioms, then we assign them the status of lexical units. As such, this type of terminological unit can constitute a lexical entry in the dictionary. However, if we accept complex terms as collocations, then they would result from the restricted combination determined by the collocation's base. In this case, complex terms do not constitute lexical units and for this reason they cannot be represented in terms of lexicographic entry. This paper does not provide new information on the patterns of collocation that complex terms may present, which are already widely described (Pavel, 1993, L'Homme, 2004, among others). Specifically, we focus on the fact that between the complex terms that behave like collocations and those that behave like idioms, there is a very fragile border of difficult delimitation. Based on the analysis of a small data set, we sought here to corroborate the point of view of Polguère (2016), for whom certain types of compositional complex expressions can be interpreted as weak idioms. This study was financed by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-Brazil).

#### Keywords

Complex terms • Idioms • Collocation • Weak idioms.

<sup>1</sup> Registro meus agradecimentos a Alain Polguère pela leitura deste artigo e por suas importantes considerações.

## 1. Introdução

*Locuções e colocações* são dois tipos de frasesmas, definidos no âmbito da Teoria Sentido-Texto, que formalmente podem coincidir com um sintagma terminológico (doravante ST). A compreensão das diferenças entre esses tipos de frasesmas é importante, porque, se se entende que um ST corresponde a uma colocação, deve-se descrever a combinatória restrita da *lexia*<sup>2</sup> que é a base da colocação; por outro lado, se se entende que um ST é, de fato, uma locução, ele deverá ser descrito como as demais unidades lexicais.

Este artigo está organizado em três seções: na seção 1, procurando aclarar o que se entende por ST, apresentam-se brevemente os tipos de unidades terminológicas e mostram-se as características dessas unidades lexicais; na seção 2, estabelece-se a distinção entre locução e colocação; na seção 3, caracterizam-se as propriedades das locuções fracas (Polguère, 2015), as quais podem atribuir aos STs o *status* de locução; ou seja, de unidade lexical. Por fim, para concluir o trabalho, tecem-se algumas considerações sobre as vantagens de se levar em conta o tipo de unidade terminológica abordado aqui como locuções fracas.

## 2. Delimitação do sintagma terminológico

Unidades terminológicas, ou termos, são unidades lexicais que expressam conceitos ou noções de determinada área do conhecimento técnico-científico. Na maior parte das vezes, os termos são formados pelos mesmos processos que formam as unidades lexicais da língua comum (Sager, 1993; Cabré, 1993; 2006), mas podem apresentar algumas combinações formais diferenciadas (Abreu, 2010a; 2010b; 2012; 2014 e 2016<sup>3</sup>).

As unidades terminológicas podem ser<sup>4</sup>: (i) *simples* (servem de base para outras unidades terminológicas, como *peste*<sup>5</sup>); (ii) *derivadas* (compreendem um radical e um ou mais morfemas derivacionais, como *pestilência*, *pestilento* (*pestilencial*, *pestilente*<sup>6</sup>); (iii) *compostas* (apresentam dois ou mais radicais, justapostos, aglutinados ou separados por hífen, como *acidorresistência* e *herpes-vírus*, respectivamente<sup>7</sup>); e (iv) *complexas*<sup>8,9</sup> (manifestam-se por sintagmas plenos,

<sup>2</sup> Na metalinguagem adotada pela TST, *lexia* (ou unidade lexical) pode ser um lexema ou uma locução. Polguère (2016) ensina-nos que uma *lexia* “é associada a um determinado sentido, que se encontra no significado de cada uma das formas de palavra ou dos sintagmas congelados por meio do qual ela se exprime (p. 58).

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre as possíveis combinações que os termos podem apresentar, v. o capítulo intitulado *Termos: estruturas prototípicas*, de nossa autoria, aceito para publicação em 2016 no livro *Teoria y praxis en Terminología*, organizado por Sara Álvarez e Mario Barité, a ser publicado pela Universidad de la República del Uruguay.

<sup>4</sup> É importante registrar que há outras propostas de classificação para as unidades terminológicas. L’Homme (2004), por exemplo, classifica os termos em três grupos: a classe dos termos simples, que inclui também os que consideramos em nossa análise como derivados; e a classe dos termos complexos que, para autora, são aqueles que “[...] constitués de plusieurs entités graphiques séparées par des blancs ou par des diacritiques comme le trait d’union ou l’apostrophe” (p. 59).

<sup>5</sup> Com o objetivo de diferenciar unidades lexicais da língua comum (LC) e unidades terminológicas, neste trabalho os termos são grafados com negrito e com itálico; as unidades lexicais da LC aparecem apenas em itálico.

<sup>6</sup> O termos citados em (i) e (ii) são do domínio da Infectologia.

<sup>7</sup> Consideramos como unidades terminológicas compostas também as formadas por um radical acrescido de elemento de composição erudita, como *acidófilo*.

como *doença degenerativa, doença sexualmente transmissível, doença fibrocística das mamas; doença de Heine-Medin*). Abreu (2016) esclarece que um termo complexo, isto é, um ST, ou um termo sintagmático, corresponde “a um sintagma nominal constituído por um núcleo e por um ou mais modificadores. Neste caso, mesmo que o sentido ainda seja composicional<sup>10</sup>, a extensão sintagmática designa um conceito” (no prelo).

Abaixo, constam informações sobre dois STs da Medicina.

**ST<sub>1</sub>: doença degenerativa**

**Conceito:** Doença que consiste na alteração do funcionamento de uma célula, um tecido ou um órgão, excluindo-se nesse caso as alterações devidas a inflamações, infecções e tumores. As doenças degenerativas são assim chamadas porque elas provocam a degeneração de todo o organismo, envolvendo vasos sanguíneos, tecidos, ossos, visão, órgãos internos e cérebro.

**Contexto:** Normalmente, as *doenças degenerativas* são adquiridas por erros alimentares (ou uso excessivo de gorduras de origem animal), uma vida sedentária ou um erro genético.

**Fonte:** <http://www.dicionarioinformal.com.br/doença%20degenerativa/>.

**Adaptado.**

Como se observa, o ST<sub>1</sub> é formado por um substantivo (*doença*) e por um adjetivo (*degenerativa*). O item lexical que ocupa a posição central no sintagma é o substantivo *doença*. O sentido do adjetivo *degenerativa* converge para o sentido de *doença*. Portanto, *doença* é o núcleo terminológico<sup>11</sup> desse ST, isto é, é o item lexical que está diretamente ligado ao domínio do conhecimento técnico-científico. Sintagmas desse tipo não admitem modificação na posição interna dos elementos

<sup>8</sup> Sobre as unidades terminológicas complexas, L'Homme e Polguère (2008) afirmam: “É necessário estabelecer uma distinção entre os termos que são verdadeiras unidades lexicais — lexemas ou **locuções** — e aqueles que são **sintagmas não lexicalizados**” (4). (grifo nosso).

<sup>9</sup> Polguère, em conversa informal, alerta-nos para o fato de que chamar esse tipo de unidade terminológica de ‘complexa’ não é uma boa escolha designativa, tendo em vista que uma unidade terminológica morfologicamente composta também é ‘complexa’. Nesse sentido, a designação ‘unidade terminológica sintagmática’ seria uma melhor escolha para designar o que aqui estamos chamando de ‘unidade terminológica complexa’. Entretanto, considerando que nos estudos terminológicos a designação ‘termo complexo’ é bastante comum (v. L'Homme, 2004, p. 59, entre outros), opto aqui por chamar de ‘unidade terminológica complexa’ aquelas que se apresentam como sintagmas plenos.

<sup>10</sup> Sobre o sentido composicional de termos complexos, v. L'Homme (2004, p. 59).

<sup>11</sup> Polguère, considerando certas unidades terminológicas que evidenciam metáfora de forma como *buraco negro* e *anã branca* (Domínio Física, subdomínio Astronomia), estimula-nos a pensar em propor uma definição para a noção de ‘núcleo terminológico’, o que realmente é necessário, pois é difícil, em um primeiro momento, apontar quais são precisamente os núcleos terminológicos de STs. No entanto, quando se observa o conceito de *buraco negro*, percebe-se que *buraco* designa ‘região do espaço-tempo dotada de um campo gravitacional de tal modo intenso que dela nada pode fugir, inclusive a radiação eletromagnética’ (cf. Houaiss), ou seja, ‘buraco’ designa ‘região do espaço-tempo’. Mas resta, com certeza, para um futuro trabalho, explicar qual seria o núcleo terminológico de *anã branca*, tendo em vista que seu conceito designa ‘estrela densa e quente, de baixa luminosidade, que se encontra no estágio final de evolução’ (cf. Houaiss). Nesse último caso, de fato, nenhum dos constituintes parece ser o núcleo terminológico. A explicação que temos é que em *anã branca* há uma elipse do núcleo terminológico, que seria *estrela*; assim, a unidade terminológica seria *estrela anã branca*, cujo núcleo se encontra elidido. Por ora, assumimos o ponto de vista de Pavel (1993), para quem o núcleo terminológico “designe un concept de type objet, action ou propriété, appartenant au système conceptuel d’une spécialité” (pp. 69-71).

(\**degenerativa doença*) e nem inserção de elementos entre seus constituintes (\**doença pouco degenerativa*).

**ST<sub>2</sub>: *doença sexualmente transmissível***

**Conceito:** Doenças causadas por vírus, bactérias ou outros micróbios que se transmitem, principalmente, através das relações sexuais sem o uso de preservativo com uma pessoa que esteja infectada, e geralmente se manifestam por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas.

**Contexto:** As *doenças sexualmente transmissíveis (DST)* são um grave problema de saúde pública porque facilitam a transmissão sexual do HIV.

**Fonte:** < <http://giv.org.br/DST/O-Que-s%C3%A3o-DST/index.html> >. **Adaptado.**

O ST<sub>2</sub> apresenta estrutura com configuração inusual na língua comum: a presença de um advérbio que modifica a forma adjetiva ([∅] *sexualmente transmissível*). Em uma busca simples no *Google*, podem-se encontrar raríssimas ocorrências da forma *doença transmissível sexualmente*, mas o aparecimento da forma reduzida (*DST*) no contexto mostra que o ST já está consagrado no domínio com o padrão estrutural [N+[[Adv]+ Adj]]<sub>N</sub>.

O reconhecimento de um sintagma terminológico é realizado, antes de mais nada, por meio da identificação do núcleo terminológico: no ST *proteína conjugada* ('proteína que libera por hidrólise outros componentes químicos em adição aos aminoácidos'), o substantivo *proteína* é o termo que veicula o conhecimento bioquímico; já no ST *desembaraço aduaneiro*, do Comércio Exterior, o conhecimento especializado é veiculado por *aduanheiro*, que modifica o substantivo *desembaraço*. Além do reconhecimento do núcleo terminológico, deve-se verificar a categoria gramatical de cada um dos itens que compõem o sintagma: o ST *estrutura primária da proteína*, da Biologia Molecular, é constituído por três itens lexicais e por itens gramaticais: dois substantivos (*estrutura* e *proteína*), um adjetivo (*primária*), uma preposição (*de*) e um determinante (*a*). O item lexical cujo sentido veicula diretamente o conhecimento especializado é *proteína*, e a estrutura interna deste ST pode ser assim representada: [[N+Adj.] + [prep.+[det.+N]]]<sub>N</sub>.

Em resumo, STs são unidades lexicais de extensão sintagmática que veiculam conceitos especializados. Tais unidades se apresentam na cadeia sintagmática como sintagmas plenos, que podem ser constituídos por diferentes arranjos estruturais.

Feitos esses esclarecimentos, passa-se a discorrer sobre dois dos tipos de frases definidos no âmbito da Teoria Sentido-Texto (doravante TST), *locução* e *colocação*, a fim de verificar a qual deles os STs correspondem.

### 3. Distinguindo entre *locução* e *colocação*

A *locução* é uma unidade lexical sintagmática que apresenta sentido não-composicional: o sentido das partes não auxilia na composição do sentido do todo. Sendo uma lexia, ela deve figurar, para o registro lexicográfico, como uma entrada individual em qualquer dicionário, tendo seu sentido expresso por meio de uma definição analítica (Polguère, 2015, pp. 5-6). Por exemplo, a locução *golpe de*

*misericórdia* poderia ser definida como ‘golpe de misericórdia de X em Y’ = ‘pancada que X dá em Y que apressa a morte de Y e minora o sofrimento de Y’. Acresce a isso o fato de que em uma locução não se pode fazer nenhuma inserção lexical (\**O adversário deu um golpe muito forte de misericórdia*); além disso, suas relações associativas são claramente estabelecidas (p. ex., *golpe de misericórdia* pode apresentar como sinônimo *golpe de compaixão* ou *de clemência*), e estabelecem relações com outras unidades lexicais na cadeia sintagmática ([*O condenado apenas [espera [o golpe de misericórdia]]*)]<sup>12</sup>.

A *colocação*, por sua vez, é uma combinação frequente de duas ou mais palavras em um mesmo contexto, onde a seleção de um item lexical desencadeia a ocorrência de outro. Uma colocação pode ser dividida em duas partes: a base e o colocado, que correspondem ao número de lexias que uma colocação contém. Por exemplo, em *boa colheita*, *boa* é o colocado, e *colheita*, a base da colocação; em *dar um golpe*, *dar* é a base, e *golpe*, o colocado; em *amar loucamente*, *amar* é a base, e *loucamente*, o colocado). Os frasemas colocacionais podem ser de diferentes tipos: (a) verbo de suporte + complemento (*levar [em consideração] = considerar*); (b), substantivo + adjetivo (*leite magro*); (c) verbo pleno + segmento com valor adverbial (*trabalhar [como uma mula]*), etc.

Percebe-se nítida diferença entre *locução* e *colocação*. A *locução* apresenta estabilidade tanto por constituir um item lexical com significado visível – pois seu significado não decorre da soma dos itens que a constituem – quanto por suas propriedades morfossintáticas – pois funciona na cadeia sintagmática como unidade lexical. Por outra, não se pode mudar a ordem dos elementos e manter o mesmo significado. Já a *colocação* decorre das propriedades de combinatórias inerentes ao funcionamento da cadeia sintagmática: certas palavras ou expressões podem constituir, ou vir a constituir, uma sequência gramatical.

Para diferenciar nitidamente as *colocações* e as *locuções* no âmbito da língua comum, propõe-se o quadro contrastivo abaixo, que apresenta substantivos como núcleos de cada tipo de frasema:

Colocações	Locuções
<i>cabelo</i> : ~ castanho ‘conjunto de pelos que cobrem a cabeça dos humanos e que apresentam coloração aproximada à cor das castanhas’	<i>golpe de misericórdia</i> = ‘aquele que se dá em um moribundo a fim de apressar a sua morte e minorar seu sofrimento’ (cf. Houaiss, 2011)
<i>trabalho</i> : ~ pesado, árduo, de cão ‘trabalho que exige força física para ser executado’	<i>golpe do baú</i> = ‘casamento por dinheiro, por interesses financeiros’ (cf. Houaiss, 2011)
<i>reação</i> : ~ violenta ‘ato ou efeito de reagir de maneira	<i>mercado negro</i> = ‘venda clandestina de produtos raros ou racionados, por preços

<sup>12</sup> As locuções podem ser de diferentes tipos: (a) verbais (*bater as botas*); (b) nominais (cf. *golpe de misericórdia*); (c) adjetivais (*da cor do mar*); (d) preposicionais (*em cima de*); (e) adverbiais (*com cuidado*); (f) conjuntivas (*desde que*); e (g) interjetivas (*valha-me Deus*). Como nosso objeto de estudo são os STs, termos que correspondem a sintagmas plenos de natureza nominal, interessam-nos neste trabalho apenas as locuções do tipo nominal.

brutal, feroz'

acima daqueles oficialmente estipulados'  
(cf. Houaiss, 2011)

Quadro 1. Colocações e locuções na língua comum

O contraste entre os exemplos das duas colunas do quadro 1 evidencia que não há estruturalmente diferenças entre locuções nominais e colocações com base nominal (p. ex., *reação violenta* → [N+Adj.] e *mercado negro* → [N + Adj.]); basta, porém, comparar o sentido das colocações com o das locuções para que se perceba que as primeiras são composicionais, mas as segundas, não-composicionais.

Em suma, de acordo com Polguère (2015, p. 59), as locuções são unidades lexicais e devem ser modelizadas como tais; ao passo que as colocações apresentam propriedades de combinatória restrita que emanam de sua base, devendo sua modelização ser parte integrante do verbete lexicográfico da base.

Mel'čuk (2015), ao tratar de unidades como *seguro saúde*, *seguro de vida* e *seguro residencial*, assim discorre:

Expressões como *assurance maladie*<sup>13</sup> lit. (seguro doença) = (seguro saúde) e *assurance vie* (seguro de vida) são colocações: no primeiro caso, você se previne contra a doença; no segundo caso, você faz seguro de vida, e o colocado (em negrito) é selecionado em função da base: SEGURO<sup>14</sup>. Outros casos do mesmo tipo são *assurance incendie* lit. (seguro contra incêndio) vs. *assurance logement* lit. (seguro moradia): você se previne contra incêndio e você se previne [contra qualquer prejuízo em] sua moradia. [...] Em todas essas colocações, o problema é criado por um actante semântico expresso idiosincriticamente. (p. 260) (grifo nosso)<sup>15</sup>.

Portanto, no que concerne às unidades terminológicas, seguindo o ponto de vista de Mel'čuk (2015) é preferível, no âmbito da TST, descrevê-las como *colocações*, isto é, como sequências selecionadas por uma base, geralmente o núcleo terminológico, e um colocado, como vimos há pouco. Nessa perspectiva, sintagmas nominais terminológicos representariam um mecanismo previsível nas linguagens de especialidade (LEs), de acordo com o qual certos itens lexicais e/ou gramaticais aparecem no entorno de outros em função de exigências do sistema linguístico.

L'Homme (2004, p. 113) afirma que a base (B) é normalmente um substantivo, e os colocados podem ser verbos, adjetivos e substantivos. Verificando os entornos linguísticos de termos simples do vocabulário do Comércio Exterior<sup>16</sup>, chega-se a exemplos de alguns padrões colocacionais presentes em textos desse domínio, como se observa no quadro 2.

<sup>13</sup> Em português, 'seguro saúde'. A tradução literal do francês seria 'seguro doença'.

<sup>14</sup> A TST convencionou usar versalete para registrar as lexias (lexemas e locuções), v. Polguère (2016, p. 52).

<sup>15</sup> **Texto original:** Such expressions as *assurance maladie* lit. (illness insurance) = (medical insurance) and *assurance vie* (life insurance) are collocations: in the first case you insure against illness, in the second case you insure your life, and the collocate (in boldface) is selected as a function of the base: ASSURANCE. Other cases of the same type are *assurance incendie* lit. (fire insurance) vs. *assurance logement* lit. (apartment insurance): you insure against fire and you insure your apartment. [...] In all these collocations the problem is created by a semantic actant expressed idiosyncratically. (Mel'čuk, 2015, p. 260) (grifo nosso).

<sup>16</sup> Para maiores informações sobre processos de formação lexical no vocabulário do Comércio Exterior, v. Ribeiro, P. N. (2006; 2007); Cruz, G. F. (2007) e Abreu, S. P. de (2010b).

[UT (=B)+Adj.]	[N+prep.+UT (=B)]	[UT (=B) + prep. + N]	[UT (=B) + Adj. + Adj. ]	[(1)UT(=B) + prep. + N + Adj.] [(2)N+prep.+UT(=B)+Adj.]
<input type="checkbox"/> <i>frete interno</i>	<input type="checkbox"/> <i>políticas de frete</i>	<input type="checkbox"/> <i>mercado de balcão</i>	<input type="checkbox"/> <i>tarifa externa comum</i> <input type="checkbox"/> <i>tarifa nominal brasileira</i>	<input type="checkbox"/> (1) <i>imposto sobre produtos industrializados</i> <input type="checkbox"/> (2) <i>amostra sem valor comercial</i>
<input type="checkbox"/> <i>entrepasto_aduaneiro</i>	<input type="checkbox"/> <i>pesquisa de mercado</i>	<input type="checkbox"/> <i>frete de importação</i>	<input type="checkbox"/> <i>depósito alfandegado certificado</i>	

Quadro 2. Padrões colocacionais no vocabulário do Comércio Exterior<sup>17</sup>

O fato de serem constituídos formalmente como sintagmas nominais cujos núcleos terminológicos são termos simples (*frete, entreposto, importação, tarifa, valor, imposto, etc.*) não assegura que essas unidades sejam todas colocações. Por exemplo, no Comércio Exterior, *amostra sem valor comercial, depósito alfandegário certificado, entreposto aduaneiro* e *frete interno* são STs, pois veiculam conceitos dessa área do conhecimento<sup>18</sup>. Entretanto, *políticas de frete* e *pesquisa de mercado* são colocações, uma vez que, em ambos os casos, a base veicula um sentido genérico que expressa ‘conjunto de atividades, conjunto de práticas’, e os colocados também atualizam sentidos gerais (*frete* = ‘locação de qualquer meio de transporte de mercadoria’; *mercado* = ‘conjunto dos negócios realizados’); isto é, em nenhum dos casos temos o sentido que a base e os colocados, juntos, podem assumir no uso especializado.

Constata-se que entre sintagmas plenos que se comportam como colocações e aqueles que se comportam como locuções há uma fronteira muito tênue, que muitas vezes é difícil de delir. Para entender que um sintagma pleno pode, às vezes, de fato, espelhar padrões colocacionais e, outras vezes, constituir o próprio ST, observemos os dados a seguir.

Colocações	Sentido	ST	Conceito
<i>consumo de energia</i>	‘quantidade que se utiliza de energia’ (Houaiss, 2011)	<i>energia de repouso</i> [de uma partícula, de um elétron]	‘capacidade que um corpo, uma substância ou um sistema físico têm de realizar trabalho, que se associa à massa de repouso de uma partícula livre e que se define como o
<i>consumir energia</i>	‘fazer uso de energia; gastar energia’		

<sup>17</sup> UT = Unidade terminológica.

<sup>18</sup> Os conceitos que esses STs veiculam são os seguintes: “*amostra sem valor comercial* - bens representados por quantidade, fragmentos ou partes, estritamente necessários para dar a conhecer sua natureza, espécie e qualidade; *depósito alfandegado certificado* - regime aduaneiro especial que permite o depósito, no mercado interno, sob regime alfandegado, de produtos já comercializados com o exterior, considerados exportados para todos os efeitos fiscais, creditícios e cambiais; *entrepasto aduaneiro* - regime especial que permite a importação de mercadoria estrangeira para armazenamento em recinto alfandegado de uso público, com suspensão do pagamento dos impostos; e *frete interno* - deslocamento que se inicia ao fim do transporte internacional, do local do desembarque até o destino do produto”. Disponível em: <<http://www.geobox.net.br/dicionario-de-comercio-exterior-e-logistica.html>>.

	(Houaiss, 2011)		produto da massa de repouso pela velocidade da luz' (cf. Houaiss, 2011), 'energia de repouso de X' - Dom.: Física Relativista
<i>energia consumida</i>	'quantidade que foi utilizada de energia' (Houaiss, 2011)		

Quadro 3. Sintagmas plenos como colocações e como ST

O quadro 3 mostra que tanto termos simples (*energia*) quanto STs (*energia de repouso*) podem fazer parte de uma colocação e exercer diferentes funções sintáticas; por exemplo, na colocação *consumir energia*, o termo simples *energia* é objeto direto de *consumir*; já em *consumo de energia*, o termo faz parte do sintagma preposicional encabeçado por *de*; em *energia consumida*, o termo passa a ser a base da colocação que é modificada pelo particípio *consumida*. Isso mostra que, de fato, o termo simples *energia* é a base das colocações e estabelece relações sistêmicas que se atualizam na cadeia sintagmática. O sentido dessas colocações decorre do sentido de cada elemento que as compõe.

STs também podem ser a base de colocações, como, por exemplo, *energia de repouso* [*de uma partícula, de um elétron*], mas atualizam sua combinatória restrita a partir de uma unidade lexical com extensão sintagmática. Para expressar o conceito veiculado por *energia de repouso*, não podemos, por exemplo, ignorar a presença do segmento *de repouso*: *energia de uma partícula* não veicula o mesmo conceito que *energia de repouso de uma partícula* (= aquela que se associa à massa de repouso). Os STs, ao contrário das colocações, apresentam sentido quase-composicional, como se verá na próxima seção.

Verifica-se que, mesmo que se possa dizer que locuções resultam de colocações lexicalizadas, não se pode confundir o ST, que tem o estatuto lexical de locução, com a colocação em si. Um ST tem estatuto sintagmático e está diretamente atrelado a um conceito especializado, ou seja, a um conceito de uma área do conhecimento ou de uma técnica, como se observa na última coluna do quadro 3. Por essa razão, a contribuição de Polguère (2015), como mostraremos a seguir, é significativa para que se possa decidir, quando da elaboração de produtos terminográficos, ou até mesmo da constituição de uma nomenclatura, se esses sintagmas devem ser descritos como colocações ou como locuções.

#### 4. Descrição de termos na TST: o caso das locuções fracas

A principal consequência decorrente da forma como interpretamos linguisticamente um ST<sup>19</sup> na esfera de ação da TST é que, ao admitir que essa unidade é uma *locução*, lhe conferimos o estatuto de unidade lexical e, como tal, "ela deve ter seu próprio artigo de dicionário" (Mel'čuk, 2006, p. 1). Entretanto,

<sup>19</sup> Não há problema algum com a descrição de termos simples (p. ex., *energia*) no âmbito da TST, pois eles são considerados lexias, ou seja, unidades lexicais, e são registrados como entradas lexicais nos dicionários.

segundo o mesmo autor, para que um frasema possa ser classificado como locução, é preciso que constitua uma parte do discurso. Mas Mel'čuk acrescenta: "[...] Sendo uma lexia multilexêmica, isto é, um sintagma, uma locução não pode ter uma PartDisc de superfície" (p. 1).

Contudo, admitir que STs devem ser considerados como colocações é negar-lhes o estatuto de unidade lexical, ou de lexia, e assumir que elas não podem ter seu próprio artigo em um dicionário e que, portanto, devem ser descritas como parte do artigo lexicográfico do segmento que exerce a função de base da colocação. Nesse sentido, STs seriam combinatórias decorrentes das propriedades restritivas da própria língua. Pondera Polguère (2015):

Pode-se, então, por ocasião da exploração do recurso lexical, levar em conta o fato de que as **locuções fracas** desse tipo **podem sistematicamente ser "composicionalizadas"** e ser empregadas em contextos apropriados como colocações. A fronteira entre a locução fraca e a colocação existe, mas é tênue, e a locução fraca quase não é mais uma locução (cf. o termo *quase-locução*, que também é usado na terminologia da Lexicologia Explicativa e Combinatória para designar as locuções fracas) (p. 19) (grifo nosso)<sup>20</sup>.

Este intervalo entre dois limites extensionais dados – unidade lexical (no caso, locução fraca) ou colocação – alimenta uma forte discussão acerca do que se entende por composicionalidade semântica. Polguère (2015) argumenta que a questão da não-composicionalidade tem sido vista geralmente da perspectiva de quem interpreta o enunciado ou o segmento; ou seja, do destinatário da mensagem. No entanto, há, segundo o autor, outra maneira de se entender a (não-) composicionalidade semântica de enunciados ou de segmentos: a perspectiva de uma análise sincrônica do ponto de vista do locutor. Polguère (2015) explica:

Em tal contexto, **um segmento linguístico é dito composicional se a melhor maneira de descrevê-lo se apoia na identificação de regras lexicais e gramaticais que permitam ao locutor construí-lo para responder à necessidade de expressão de um dado Sentido em um Texto**. Trata-se, pois, de uma composicionalidade do Locutor, uma composicionalidade do Sentido ao Texto (p. 2) (grifo nosso)<sup>21</sup>.

Para argumentar em prol de seu ponto de vista, Polguère analisa um conjunto de unidades lexicais que podem ser consideradas semanticamente composicionais, ou seja, cuja definição inclui o sentido de todas as lexis que as

<sup>20</sup> **Texto original:** On peut alors, lors de l'exploitation de la ressource lexicale, tenir compte du fait **que les locutions faibles** de ce type **peuvent systématiquement être compositionalisées** et s'employer dans des contextes appropriés comme des collocations. La frontière entre locution faible et collocation existe bien, mais elle est ténue, la locution faible n'étant déjà presque plus une locution (cf. le terme *quasi-locution*, qui est aussi employé dans la terminologie de la Lexicologie Explicative et Combinatoire pour désigner les locutions faibles) (Polguère, 2015, p. 19) (grifo nosso).

<sup>21</sup> **Texto original:** Dans un tel cadre, **un segment linguistique est dit compositionnel si la meilleure façon de le décrire s'appuie sur l'identification de règles lexicales et grammaticales permettant au locuteur de le construire pour répondre au besoin d'expression d'un Sens donné dans un Texte**. Il s'agit donc d'une compositionalité du Locuteur, une compositionalité du Sens au Texte. (Polguère, 2015, p. 2) (grifo nosso).

constituem. Entre os casos que o autor analisa, está *pasta de modelar* (Fr. *pâte à modeler*)<sup>22</sup>. Na sua visão, esse sintagma pode ser considerado como *locução fraca*. Trata-se de um tipo de locução de difícil classificação, pois a não-composicionalidade semântica de unidades lexicais como essa não é evidente: “a definição contém também o sentido de todas as lexias que ela inclui formalmente” (Polguère, 2015, p. 15). No entanto, para esse tipo de locução, o autor defende a ideia de que há “um sentido adicional não expresso literalmente por um dos constituintes lexicais”, e “o sentido adicional ou uma parte desse sentido funciona como pivô semântico da definição” (p. 16).

De acordo com Mel’čuk (2013), pivô semântico

[...] **é a parte do sentido [...] que é o argumento da outra parte desse sentido**, que é um predicado. Por exemplo, no sentido de VENDER, 'X cede Y a Z em troca de uma quantia em dinheiro W', o pivô semântico é 'ceder': o sentido predicativo 'em troca de uma quantia em dinheiro' – o resto do sentido de "vender" – centra-se em 'ceder' como um predicado de seu argumento. Aqui, o pivô semântico coincide com o componente semântico comunicativamente dominante do sentido em apreço, mas isso não é necessário: no sentido 'X vendeu seu carro a Z', o pivô semântico é 'carro', enquanto o componente dominante é 'vender' (p. 135) (grifo nosso)<sup>23</sup>.

Polguère (2015) diz que, no caso de não sabermos se um sintagma pleno é uma colocação ou uma locução fraca,

[...] é preciso verificar se o sentido da colocação hipotética pode adequadamente ser modelizado como uma predicação sobre o sentido de sua base postulada [...], ou se é necessário considerar que um semantema "estranho" ao estoque lexical do sintagma funciona como pivô semântico (pp. 17-18)<sup>24</sup>.

Nessa perspectiva, o ST *débito cardíaco*, da Hemodinâmica, poderia ser definido como 'insuficiência cardíaca que X sofre'; no entanto, seu sentido especializado se sustenta no pivô semântico [tipo de] que ampara a definição 'tipo de insuficiência cardíaca em que o volume de sangue expelido por cada ventrículo cardíaco de X por unidade de tempo é insatisfatório'.

<sup>22</sup> Na técnica do Artesanato, *pasta de modelar* designa 'um polímero acrílico idealizado para fazer relevo, texturas e efeitos em decapê em materiais como madeira, tela, papelão'.

(cf. <<http://scrapdiaryblog.blogspot.fr/2011/06/pasta-ou-massa-de-modelar-riqueza-mora.html>>).

<sup>23</sup> **Texto original:** [...] **est la partie du sens [...] qui est l'argument de l'autre partie de ce sens**, qui est un prédicat. Par exemple, dans le sens de *vendre*, 'X cède Y à Z en échange d'une somme d'argent W', le pivot sémantique est 'céder': le sens prédicatif 'en échange d'une somme d'argent' – le reste du sens de 'vendre' – porte sur 'céder' comme un prédicat sur son argument. Ici, le pivot sémantique coïncide avec la composante sémantique communicativement dominante du sens en question, mais ce n'est pas nécessaire: dans le sens 'X a vendu sa voiture à Z' le pivot sémantique est 'voiture', alors que la composante dominante est 'vendre'. (Mel'čuk, 2013, p. 135) (grifo nosso).

<sup>24</sup> **Texto original:** [...] il faut tester si le sens de la collocation hypothétique peut adéquatement être modélisé comme une prédication sur le sens de sa base postulée [...], ou s'il faut au contraire considérer qu'un semantème « étranger » au stock lexical du syntagme fonctionne comme pivot sémantique (Polguère, 2015, pp. 17-18).

Além disso, de acordo com Polguère (2015), para que se possa tomar uma decisão acerca da classificação desses sintagmas plenos, deve-se considerar a intenção comunicativa do locutor; ou seja, a fim de atualizar todas as paráfrases possíveis, é preciso levar em conta também a estrutura comunicativa (EC). A EC, segundo Mel'čuk (1992), diz respeito ao modo como o locutor organiza a mensagem que deseja comunicar, isto é, o que o locutor deseja apresentar como dado ou como novo ao interlocutor. Nessa perspectiva, a EC traduz aquilo que o locutor “quer tomar como ponto de partida vs aquilo que ele tomará como ponto de chegada; aquilo que ele quer discutir depois; aquilo que ele afirma vs aquilo que ele pressupõe; aquilo que ele quer destacar vs aquilo que ele quer deixar em segundo plano; etc.” (p. 27).

Com base nessas informações, podemos inferir que o sintagma pleno ‘vinho branco’, por exemplo, pode ser descrito de duas maneiras: enquanto colocação, *vinho branco* seria descrito a partir da lexia *vinho* como ‘bebida resultante da fermentação alcoólica total ou parcial do mosto da uva’; e enquanto locução fraca, o ST **vinho branco** – pressupondo-se que a característica [+ sentido especializado] está marcada na EC do locutor da mensagem – seria descrito como ‘vinho de cor entre o citrino e o âmbar, cujo mosto é resultado apenas do esfacelamento da polpa, sem que a película seja aproveitada’. Dessa forma, como locução fraca, o ST **vinho branco** denota um tipo de vinho que apresenta determinada coloração em função de seu processo de fabricação e pode ser descrito lexicograficamente como uma entrada lexical, quando do ponto de vista do locutor é interpretado como não-composicional ou como tendo composicionalidade fraca.

As ideias de Polguère acerca da natureza semântica da locução fraca encontram respaldo em importantes estudos na área da Terminologia (Cabré, 1993; Pavel, 1993, 2011; Sager, 1993; Lerat, 1995; Faulstich, 2003, entre outros), os quais têm mostrado sistematicamente que se pode distinguir entre unidades lexicais da língua comum que veiculam significados e unidades terminológicas de vocabulários especializados que veiculam conceitos.

Supor que sintagmas plenos como, por exemplo, **seguro de vida** sejam colocações, como pleiteia Mel'čuk, não nos autoriza a descrever como entradas lexicais uma gama de STs que têm seus conceitos reconhecidos nos respectivos domínios especializados. Para se ter uma ideia, basta conferir os STs arrolados no quadro 4, abaixo, todos da Ciência Jurídica, subdomínio *Direito Securitário*.

<b>seguro de vida</b>	‘garantia do pagamento de certa soma a determinada(s) pessoa(s) por morte do segurado’ (cf. Houaiss, 2011)
<b>seguro obrigatório</b>	‘o que é exigido por lei para certas atividades ou resguardo de certos bens’ (cf. Houaiss, 2011)
<b>seguro privado</b>	‘toda modalidade securitária sobre pessoas, coisas, direitos, obrigações e garantias, com exclusão dos seguros regidos pela legislação da previdência social’ (cf. Houaiss, 2011)
<b>seguro social</b>	‘aquele voltado para proteção do economicamente fraco, correndo as despesas pelo Estado, por instituições de beneficência, etc.’ (cf. Houaiss, 2011)

Quadro 4. STs – Direito Securitário

Com base no ponto de vista de Polguère (2015), diferente do de Mel'čuk (2015), pode-se afirmar que esses STs funcionam na língua como locuções fracas, pois semanticamente veiculam conceitos nos contextos linguísticos em que aparecem: suas definições expressam conceitos de diferentes modalidades securitárias. O ST **seguro de vida**, por exemplo, pode ser parafraseado por 'seguro de vida de X' que, por sua vez, pode ser parafraseado por 'garantia de certa soma a Y pela morte de X'. O ST **seguro obrigatório** pode ser parafraseado como 'garantia exigida por lei para que X receba de Y certa soma em caso de avaria em certas atividades ou no resguardo de certos bens'.

Para exemplificar o que se disse até aqui sobre a diferença entre colocação e locução fraca, examinaremos o caso do termo **célula** e do movimento de derivação de sentido que essa unidade lexical motivou na língua comum e nos vocabulários técnico-científicos do português, buscando mostrar como o conceito de um termo simples é transportado para STs que contêm **célula** como um de seus formativos.

O termo **célula** denota primeiramente o sentido que se manifesta no domínio da Biologia, onde significa 'elemento constitutivo fundamental de todo ser vivo'. De acordo com essa definição, esse 'elemento constitutivo fundamental' é 'uma unidade microscópica estrutural e funcional dos seres vivos, constituída fundamentalmente de material genético, citoplasma e membrana plasmática'.

Na língua comum, por extensão do sentido que o termo veicula na Biologia, **célula** passou a designar o 'elemento constitutivo de uma estrutura' (como na colocação *célula familiar*), ou de 'um grupo de pessoas com ideal e atuação afins, geralmente políticos' (como na colocação *célula partidária*).

Nas LEs, também a partir da extensão do sentido especializado de **célula**, surgiram vários STs, ou seja, várias *locuções fracas*, como se pode ver no quadro 5.

ST	Domínio	Definição cf. Houaiss (2011) - Verbetes CÉLULA
<b>célula adiposa</b>	Histologia	'célula [ <i>elemento constitutivo fundamental</i> ] do tecido conjuntivo especializada na síntese e armazenamento de gordura; adipócito'
<b>célula auxiliar</b>	Anatomia botânica	'célula [ <i>elemento constitutivo fundamental</i> ] presente em certas algas rodofíceas, próxima ao carpogônio, para dentro da qual migra o núcleo diploide resultante da fusão da espermacia e do carpogônio, gerando o carposporófito'
<b>célula eucariótica</b>	Histologia	'aquela [ <i>elemento constitutivo fundamental</i> ] que possui núcleo definido por membrana'
<b>célula fotocondutiva</b>	Eletrônica	'fotocélula [ <i>elemento constitutivo fundamental</i> ] formada por material semicondutor colocado entre dois contatos ôhmicos que servem para conectar o semicondutor ao circuito externo'
<b>célula nervosa</b>	Histologia	'cada uma das células [ <i>elemento constitutivo fundamental</i> ] que formam o tecido nervoso e que possuem a propriedade de receber e transmitir

		impulsos nervosos'
--	--	--------------------

Quadro 5. STs formados com *célula*

Percebe-se que cada sintagma terminológico formado com o termo *célula* veicula um conceito.

Nos STs *célula auxiliar* e *célula nervosa*, o conceito refere-se aos 'elementos de um conjunto ou grupo determinado, considerando-os individualmente e separadamente em relação aos outros'. Nos STs *célula adiposa*, *célula eucariótica* e *célula fotocondutiva*, primeiramente os conceitos retomam o sentido básico do termo *célula* ('unidade estrutural e funcional de X'); a seguir, identificam o valor de X (X = corpo humano ou X= dispositivo fotossensível). A partir do pivô semântico [tipo de] são especificados: tecido (*célula adiposa*), forma (*célula eucariótica*), ou ainda função (*célula fotocondutiva*), como se vê no quadro 6.

ST	Domínio	Pivô semântico
<i>célula adiposa</i>	Histologia	[Espécie de/Tipo de <b>tecido</b> : adiposo]
<i>célula eucariótica</i>	Histologia	[Espécie de/Tipo de <b>forma</b> : núcleo definido por membrana]
<i>célula fotocondutiva</i>	Eletrônica	[Espécie de/Tipo de <b>função</b> : conectam o semiconductor ao circuito externo]

Quadro 6 – Especificidades semânticas de STs formados com *célula*

Isso significa que não se trata apenas da atualização do sentido que *célula* tem na língua comum, qual seja, 'grupo de pessoas com ideal e atuações afins', mas de uma espécie/tipo de célula, de 'estrutura constitutiva fundamental', especificada em seu tecido, em sua forma e em sua função. Tais especificidades constituem os conceitos que os respectivos STs veiculam nos domínios especializados a que pertencem.

## 5. Conclusões

As reflexões apresentadas por Polguère (2015) são interessantes do ponto de vista da prática lexicográfica fundada na TST. Pensamos, como argumentamos na seção 3, que os termos são unidades lexicais da terminologia e que os dicionários e as bases de dados que deles se ocupam devem ser objeto de descrição singular, pois essas unidades lexicais atualizam conceitos especializados. Por outro lado, assim como Polguère, reconhecemos que, em seu uso linguageiro, outros sentidos podem ser atualizados através de uma unidade lexical de tal tipo. Nesse caso, para uma tomada de decisão, precisamos observar com atenção o contexto de ocorrência e o sentido, especializado ou não, que a unidade lexical manifesta nesse contexto.

Outro aspecto interessante acerca do ponto de vista de Polguère é que, tanto quanto sabemos, pela primeira vez nos estudos das unidades terminológicas no âmbito da TST aparece claramente a possibilidade de descrevê-las priorizando seu estatuto lexical (composicionalidade fraca) e não o de colocação (composicionalidade forte). Este tipo de descrição está assentado nos argumentos de Polguère: se analisarmos a questão do ponto de vista do locutor, a noção de (não-) composicionalidade deve ser considerada a partir da EC para a tomada de decisão acerca do tratamento lexicográfico que esses sintagmas nominais ensejam: tanto podem ser tratados como colocações (composicionalidade forte) quanto como locuções (composicionalidade fraca).

As consequências desta tomada de decisão, como o próprio autor afirma, não é isenta de problemas descritivos no âmbito da TST, pois *locuções*, fortes ou fracas, são unidades lexicais que pertencem ao léxico de uma língua e, por figurarem como entrada em dicionários, devem ser descritas como tais. Isto é, devem ser descritas por meio de um conjunto de funções lexicais que as colocam em contraste com outras unidades lexicais e também por meio de fenômenos intrínsecos à sua realização na cadeia sintagmática.

Se tudo se passa de acordo com a argumentação de Polguère (2015), STs como ***seguro de vida*** podem ser considerados no âmbito da TST como locuções fracas ou como colocações. Ao considerá-los *locuções fracas*, os valores semânticos vinculados ao ST que será descrito devem contemplar tanto as relações que o ST estabelece com outros termos no nível paradigmático quanto os padrões colocacionais que ele pode estabelecer na cadeia sintagmática. No nosso entendimento, se reconhecemos os STs como locuções fracas, podemos descrever suas propriedades linguísticas como entradas independentes na terminologia de um domínio técnico-científico qualquer e, conseqüentemente, na nomenclatura de dicionários, quer gerais, quer técnico-científicos.

---

### Referências bibliográficas

- Abreu, S. P. de. (2016). O termo: estruturas prototípicas. En Catalá, S. A.; Barité, M. (eds.). *Teoría y praxis en Terminología*. Montevideo: CSIC. (Colección Plural). En imprenta.
- Abreu, S. P. de. (2014). Unidades terminológicas complexas com formativos preposicionados: valores relacionais e padrões de formação. En Isquierdo, A. N.; Dal Corno, G. M. (eds.). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografía e Terminología* vol. VII (pp. 487-515). Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- Abreu, S. P. de. (2012). Sobre a presença de elementos eruditos na formação de termos: entre a derivação e a composição. En Isquierdo, A. N.; Seabra, C. (eds.). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografía e Terminología* vol. VI (pp.517-539). Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- Abreu, S. P. de. (2010b). Aspectos gramaticais na formação de termos reduzidos. En Isquierdo, A. N.; Barros, L. A. (eds.). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografía e Terminología*. vol. V (pp. 381-399). Campo Grande: Ed. UFMS.
- Abreu, S. P. de. (2010a). Processos de formação de termos: um breve exercício analítico. En Isquierdo, A. N.; Finatto, M. J. B. (eds.). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografía e Terminología* vol. IV (pp.605-624). Campo Grande, MS: Ed. UFMS.

- 
- Cabré, M. T. (2006). Morfología y terminología. En Felú, E. (ed.). *La morfología a debate* (pp.131-144). Jaén: Universidad de Jaén.
- Cabré, M. T. (1993). *La terminología*. Barcelona: Ed. Antárdida.
- Cruz, G. F. (2007) *Acronímia e acrossemia: processos de formação de palavras produtivos no léxico do comércio exterior*. 2007. Iniciação Científica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientação Sabrina Pereira de Abreu.
- Faulstich, E. (2003). Formação de Termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. En: Faulstich, E.; Abreu, S. P. de (eds.). *Linguística aplicada à terminologia – Cooperação Internacional: Brasil e Canadá*. (pp.1-20).Porto Alegre, UFRGS.
- Lerat, P. (1995). *Les langues spécialisées*. Paris: Puf.
- L’Homme, M.-C. (2004). *La terminologie: principes et techniques*. Montréal: Les Presses de l’Université de Montréal.
- L’Homme, M.-C., Polguère, A. (2008). Mettre en bons termes les dictionnaires spécialisés et les dictionnaires de langue générale. En Maniez, F., Dury, P. (eds.), *Lexicologie et terminologie: histoire de mots. Hommage à Henri Béjoint*. (pp. 191-206). Lyon: Travaux du CRTT.
- Mel’čuk, I. A. (2015). *Semantics: From meaning to text. Volume 3*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Mel’čuk I. A. (2013). Tout ce que nous voulions savoir sur les phrasèmes, mais... *Cahiers de lexicologie* 102, pp. 129-150.
- Mel’čuk, I. A. Parties du discours et locutions. *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, 101: 1, 2006. p. 29-65.
- Mel’čuk, I. A. (1992). Paraphrase et lexique: La théorie Sens-Texte et le *Dictionnaire explicatif et combinatoire*, En Mel’čuk, I. A. et al., *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: Recherches lexico-sémantiques II*. (pp. 9-58). Montréal: Presses de l’Université de Montréal.
- Pavel, S., (1993). La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. *Terminologies Nouvelles*, Bruxelles, 10.
- Polguère A. (2015). Non-compositionnalité : ce sont toujours les locutions faibles qui trinquent. *Verbum XXXVII*(2), pp. 257-280.
- Polguère, A. ([2003] 2016). *Lexicologie et sémantique lexicale: notions fondamentales*. Montréal: 3. ed., Les Presses de l’Université de Montréal.
- Ribeiro, P. N. (2006). Critérios para a extração de termos no léxico do comércio exterior. Iniciação Científica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientação Sabrina Pereira de Abreu, Co-orientação Luzia Araújo.
- Ribeiro, P. N. (2007). *Processos de formação lexical: uma análise do léxico do comércio exterior*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Sabrina Pereira de Abreu.
- Sager, J. C. (1993). *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología*. Trad. Moya, L. C. Madrid: Pirámide.